

# A delicada arte de construir na Área Histórica do Porto

written by Rui Paulo Costa | 26 de Março, 2025



No coração da **Área Histórica**, onde o tempo parece mover-se ao ritmo lento das fachadas antigas e das ruas empedradas, a construção não é apenas uma ação, mas um ato de respeito. Os logradouros, esses espaços abertos entre edifícios, são considerados **pequenos pulmões urbanos**, devendo manter-se livres de edificação e cobertos de vegetação permeável, como ditam as normas do **Plano Diretor Municipal (PDM)**.

Mas nem sempre o imutável é absoluto. Em casos **excepcionais e fundamentados**, pode erguer-se algo novo, desde que a construção **dialogue com o passado** e se encaixe na paisagem como se sempre ali tivesse estado. É uma dança entre modernidade e herança, onde só se avança se o impacto for **mínimo e necessário**.

As regras são claras: pode erguer-se um **anexo modesto, até 10 m<sup>2</sup>**, um **espaço de circulação**, ou até mesmo uma estrutura para **melhorar a acessibilidade**. Também são aceites **pequenos refúgios de lazer**, como um jardim privado, um pátio para convívio ou uma piscina discreta. Para que o equilíbrio se mantenha, qualquer nova intervenção deve **reduzir a impermeabilização do solo**, devolvendo à terra parte do que antes lhe foi roubado.

Assim, a **Área Histórica** mantém-se viva, não como um museu ao ar livre, mas como um organismo pulsante, onde o presente respeita o passado e constrói o futuro com delicadeza. Afinal, **quem ousaria erguer um novo capítulo sem antes ler a história que o precede?**.

OC/RPC